

ULTRAPASSE OS LIMITES

Ouse explorar o **interior da Paraíba** e conheça locais de **beleza** cinematográfica, prove **cachaças** artesanais, delicie-se com a **gastronomia** típica e ouça muitas **histórias**. As memórias ficarão com você para sempre

texto e fotos CAMILA LUCCHESI

PATRIMÔNIO MILENAR

Sítio do Bravo impressiona com construções de milhares de anos e extenso jardim de cactos



Pense em férias na Paraíba. Aposto que a primeira imagem que lhe veio à cabeça foi uma paisagem litorânea. Certo? Ao menos para a grande maioria dos turistas, sim. Nordeste é sinônimo de praia. Quem acreditar, terá relaxantes momentos em uma das 53 praias do estado. Mas estará limitado aos 117 quilômetros de extensão da costa, uma faixa territorial relativamente curta se observarmos quanta terra existe do mar para dentro. O melhor da história é que é uma terra boa, com gente criativa e acolhedora, gastronomia ímpar, possibilidade de avistar animais e plantas exóticas, casarios tombados e paisagens cinematográficas.

Intitulado *Paraíba Rural – A identidade de um Povo*, o roteiro formatado pelas operadoras Brasil Rural e Mais Brasil propõe uma imersão nessa rica cultura, cuja primeira parada acontece no Engenho Angicos, uma fazenda produtiva na divisa de Itambé (PE) e Jurupiranga (PB). Os proprietários Bartolomeu e Lucia Carneiro Leão inauguraram a Casa de Campo – Engenho de Lazer dentro da própria casa para que todos os hóspedes fossem tratados como parte da família. Na fazenda, os novos familiares podem se deliciar com a culinária típica, pescar em açudes e fazer passeios a cavalo ou a pé por trilhas em meio à vegetação preservada.

A produção de cana e a pecuária continuam sendo as principais atividades, mas o casal aproveita a estrutura para oferecer experiências genuinamente rurais. Como andar em um pau-de-arara, plantar uma árvore ou tomar leite no curral. Para honrar a história da fazenda, uma propriedade de trezentos anos que já sobreviveu do açúcar por muitas gerações, a novidade é um engenho de rapadura, onde os visitantes poderão conhecer os bastidores da produção.

CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR

Jurupiranga faz a introdução, mas é nos municípios de Areia e Alagoa Grande que o visitante tem uma imersão na chamada Civilização do Açúcar. Introduzida em Pernambuco no século 16 e rapidamente espalhada para os estados vizinhos, a cana moldou os costumes nessa região. O roteiro propõe uma viagem no tempo que começa em Areia, cidade a 124 quilômetros de João Pessoa que foi um dos mais importantes centros produtores de cana do Brasil, com mais de duzentos engenhos. Hoje tem casario colonial preservado e mantém



BELEZAS E DELÍCIAS Na página ao lado, a charmosa área de degustação do engenho Triunfo. Acima, em sentido horário: fachada do primeiro teatro do estado; o bode, principal personagem do Cariri; sapato feito com algodão colorido e as inscrições misteriosas da Pedra do Ingá

funcionando o Teatro Minerva, o primeiro do estado. Construído em 1859, a pedido dos descendentes dos donos de engenhos que voltavam de suas temporadas na Europa sentindo falta de um pouco de cultura, tem acústica perfeita e madeira original da época. No campus da Universidade Federal da Paraíba, o Museu da Rapadura mostra a evolução do maquinário, com exposição de peças originais.

Um passeio imperdível é ao Engenho Triunfo, fabricante da cachaça de mesmo nome, um dos cerca de 30 em funcionamento na cidade. Os proprietários Antônio Augusto e Maria Júlia de Albuquerque Baracho começaram na atividade em 1994, no sistema de tentativa e erro. “Tínhamos a ideia de manter a tradição produtiva da região. Mas não sabíamos por onde começar”, contam. Hoje eles trabalham em escala semi-industrial e oferecem visitas guiadas à produção da branquinha tradicional e de uma variedade bidestilada.

Em Alagoa Grande, a 111 quilômetros da capital paraibana, o sítio Lagoa Verde abriga outro ícone da produção regional: a cachaça Volúpia, premiada como uma das melhores nacionais no ranking da revista *Playboy* (2002 e 2007) e a melhor nacional eleita pelo guia da revista *Veja* em 2009. Além de visitas guiadas à

produção, o sítio oferece trilhas contemplativas e conta com um restaurante para 150 pessoas, o Banguê. No centro da cidade, não deixe de conhecer o teatro Santa Ignês, de 105 anos, e o Memorial Jackson do Pandeiro que reúne parte do acervo do compositor, nascido por lá.

PAISAGENS CINEMATOGRAFICAS

Saindo do Brejo Paraibano rumo ao Cariri, vale uma passada pela cidade de Ingá para conhecer um dos mais impressionantes monumentos arqueológicos do mundo. A Pedra do Ingá é um monólito de 24 metros de extensão por três de altura repleto de inscrições itacoatiaras. Elas são diferentes das pinturas rupestres porque são feitas em baixo relevo, como inscrições na rocha.

Nossa próxima parada é em Cabaceiras, município que ganhou fama por servir de locação a filmes como *Cinema*, *Aspirinas* e *Urubus*, de Marcelo Gomes, e *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes. Além de território das artes, Cabaceiras está em pleno Cariri paraibano, região marcada por paisagens rochosas estonteantes, vegetação baixa e muitos animais. Só entre os pássaros, são mais de 600 espécies, como o carcará e a siriema. Com sorte, é possível avistar raposas e

gatos do mato. Figurinha fácil por lá é mesmo o bode.

Altamente resistente ao semi-árido, o animal tornou-se grande fonte de alimento e renda na região. E é a 14 quilômetros de Cabaceiras, no distrito de Ribeira, que uma cooperativa mostra uma nova destinação na exploração do caprino. Criada em 1998, a Arteza reúne 63 sócios, 38 famílias e 156 pessoas no beneficiamento do couro do animal que é transformado em bolsas, chapéus, carteiras, cintos e sandálias, entre muitos outros lindos itens. Nessa caminhada de 12 anos, a cooperativa angariou parcerias importantes e aumentou a produção de 500 peles para 5 mil peles por mês. “Os lucros com os produtos vêm crescendo também”, festeja o presidente José Carlos de Castro.

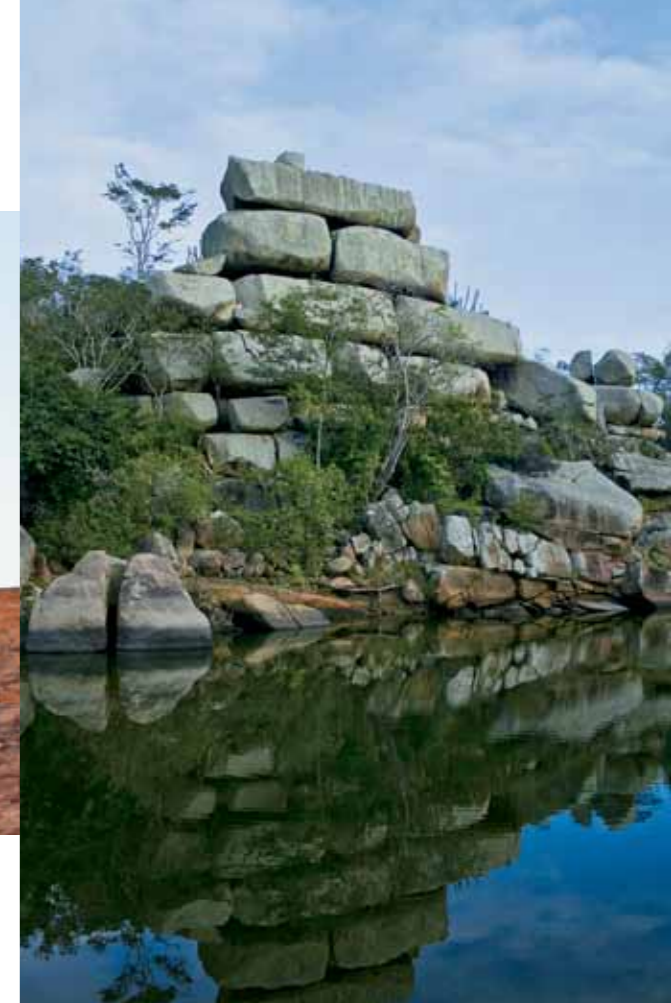
Alguns quilômetros adiante, não há como não ficar boquiaberto pela beleza cênica do Lajedo de Pai Mateus. Um platô de 1,5 km² sobre o qual estão equilibrados mais de cem blocos moldados pelo vento em formatos que desafiam a imaginação. Tem quem veja sapo, capacete, sino, altar para santo. Acredita-se que a região foi habitada por povos indígenas dez mil anos atrás. Lenda mais recente diz que viveu por lá, no século 18, um ermitão conhecido como Pai Mateus com fama de curandeiro. Além de simples contemplação —

melhor quando realizada por volta das 16 horas, durante o por do sol que bate nos líquens e deixa as rochas douradas — os blocos, conhecidos como matacões, atraem escaladores de todo o mundo.

O local fica dentro de uma fazenda que concentra a operação turística e conta com um hotel. Às 22 horas todas as luzes são apagadas e contemplar o céu, em um local tão isolado, é algo inacreditável. Outro atrativo

O ROTEIRO PROPÕE UMA VIAGEM NO TEMPO QUE COMEÇA EM AREIA, UM DOS MAIS IMPORTANTES CENTROS PRODUTORES DE CANA DO BRASIL

que fica na propriedade é a Saca de Lã, monumento com mais de 40 metros que parece imensos fardos de algodão empilhados. A explicação mais provável é que um choque térmico tenha causado as fissuras, enquanto o vento arredondou os cantos das pedras. Na curta trilha até lá, o guia Paulo mostra as árvores da caatinga e explica suas características medicinais e práticas. O pereiro é remédio veterinário, a quixabeira serve como xarope, o facheiro mantém o fogo aceso por muito



PRESERVADO O colorido casario de Areia é Patrimônio Histórico e Cultural. Também não faltam cores aos monumentos arqueológicos como a Pedra Capacete, no Lajedo de Pai Mateus, e a Sacca de Lã

tempo, e a folha do marmeleiro é o papel-higiênico. Aliás, vale explicar que a palavra caatinga significa mata branca, faceta que a vegetação assume de abril a junho, meses mais chuvosos. Durante a seca, elas sabiamente soltam as folhas para manter a umidade nas raízes e preservar a vida.

No vizinho Sítio do Bravo, mais mistérios. Logo ao chegar, dá para perceber no chão que algumas pedras foram polidas e brilham sob a luz do sol, como se indi-

SÓ ENTRE OS PÁSSAROS, SÃO MAIS DE 600 ESPÉCIES. COM SORTE, TAMBÉM É POSSÍVEL AVISTAR RAPOSAS E GATOS DO MATO

cassem um caminho. Elas levam a uma espécie de portal, repleto de inscrições rupestres. Pedras rigorosamente alinhadas, não parecem estar lá de propósito. Mas o último homem que passou por ali deve tê-lo feito há muitos anos, segundo indicam líquens verdes e fumaça fossilizada em uma caverna. Isso sem falar nos vestígios encontrados que incluem a ossada de uma preguiça gigante.

O SEGREDO É CONVIVER

Margeando o sertão, a cidade de Taperoá também serviu de cenário para uma produção “global”, *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Mas é na fazenda da família do escritor que o município guarda sua maior lição. Na Carnaúba, não existe o estereótipo da terra rachada. Pelo contrário, a paisagem exibe árvores frondosas e rebanhos saudáveis. Sob o comando está Manoelito Dantas, primo de Ariano que administra a fazenda seguindo um raciocínio simples: não combater a seca, mas aprender a conviver com ela.

Manoelito cria cabras e raças puras de gado, nativas do Cariri ou de regiões com clima semelhante como o deserto da Índia. Planta tamareiras, que frutificam em seu jardim e outras espécies com pouca necessidade de irrigação. Otimiza sua vida, adapta-se ao ambiente. E encanta pela vida que se vê no entorno e nas muitas histórias que ele conta na varanda, entre filhos, netos e amigos.

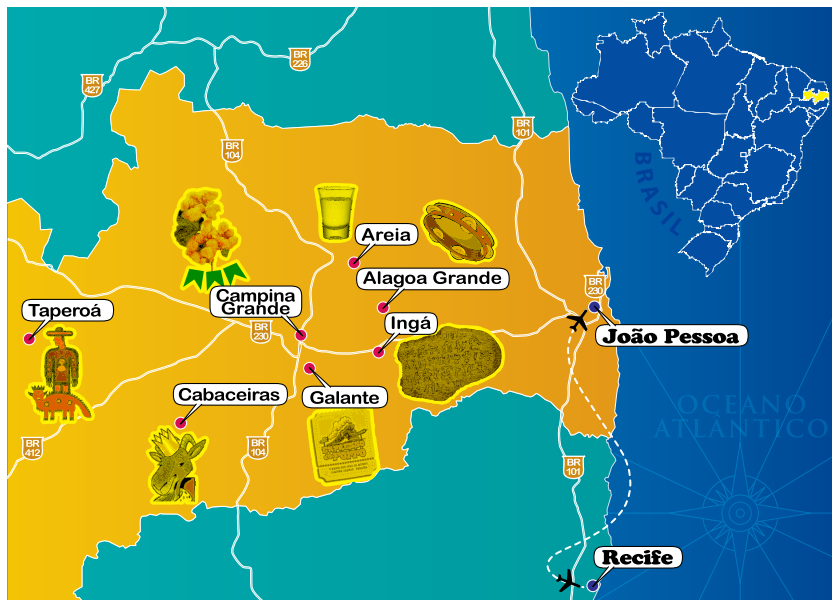
Perto dali, em Campina Grande, a atração conhecida internacionalmente é o São João. Mas de uns tempos para cá, outro produto paraibano vem recebendo atenção e olhares do mundo todo: o algodão que já nasce colorido. Para aproveitar a matéria prima única, a empresária



Maysa Gadelha criou a Coopnatural, cooperativa que transforma o tecido em diferentes peças de vestuário e decoração. Com qualidade internacional, as peças nas cores verde, rubi e marrom são exportadas para 12 países desde 2003. No Museu do Algodão é possível ver maquinário, fotos históricas e quadros que mostram o ciclo produtivo do algodão tradicional, com uma sala dedicada ao colorido. As peças da Coopnatural podem ser compradas ali.

Para fechar, uma refeição caprichada na Casa de *Cumpade*, estabelecimento na pequena Galante, a 23 quilômetros de Campina Grande. O “*cumpade*” João se orgulha em dizer que recebe as pessoas em sua casa aos domingos, onde serve 68 itens diferentes para a primeira refeição do dia. No almoço, oferece pratos tradicionais, mas também algumas criações especiais como o medalhão de porco imerso em vinho e temperado com ervas regionais, servido com abacaxi, mel de engenho e champinhom. E assim a Paraíba se despede deixando saudades sob diversos ângulos. ●

A jornalista Camila Lucchesi viajou a convite das operadoras Brasil Rural e Mais Brasil



PATRICIA CHEQUETTI

GASTRONOMIA

Pelas características do programa, os participantes fazem a maioria das refeições no hotel onde irão pernoitar. Em alguns dias, almoçam na estrada ou nos restaurantes em alguns dos atrativos turísticos. Não deixe de provar as diversas apresentações de carne de bode preparadas no fogão à lenha da **Casa de Campo**, incluindo guisado e bobó. Outra boa pedida é a galinha de capoeira servida no restaurante do **Pai Mateus**.

→ Bangüê (Alagoa Grande)

O restaurante funciona dentro do Sítio Lagoa Verde, mesmo local onde é produzida a famosa cachaça Volúpia. A sugestão é experimentar as costelinhas de carneiro com aguardente, receita criada pela "galega" Angélica.

www.cachacavolupia.com.br
(83) 9982-0407.

→ Casa de Cumpade (Galante)

Dentro da fazenda Olho d'Água, *cumpade* João recebe os visitantes com pratos típicos da culinária nordestina, além de receitas tradicionais recriadas como o porco com abacaxi e champignon. Funciona aos fins de semana e oferece estrutura de lazer completa, com redário, trilhas, cavalos, piscina e tirolesa. (83) 9907-9453.

COMPRAS

→ **A Bagaceira (Areia)** – Comandada pela autodidata Esther Vilar, a doceria funciona no Engenho Laranjeiras e oferece 59 tipos de doces, geléias e compotas como a "cartola" e a mistura de banana com rapadura. (83) 8817-6755

→ Arteza (Ribeira/Cabaceiras)

A cooperativa de beneficiamento de couro de bode produz lindas (e variadas) peças que vão de sandálias a bolsas, passando por carteiras, cintos, chapéus e até tapetes e cortinas. (83) 3356-9001.

→ Coopnatural (Campina Grande)

Liderada pela empresária Maysa Gadellha, a cooperativa produz roupas, sapatos, bolsas e vários outros itens em algodão colorido. Em Campina Grande, os produtos podem ser encontrados no Museu do Algodão. (83) 3337-7077

→ **Engenho Triunfo (Areia)** – A degustação dos diferentes tipos de cachaças produzidas no local acontece em uma agradável área de convivência, criada especialmente para receber grupos. (83) 3362-2390.

INFORMAÇÕES TURÍSTICAS

→ **Empresa Paraibana de Turismo (PBTur)**
www.pbtur.pb.gov.br e (83) 3247-4481.

COMO CHEGAR

→ **Azul** (3003-2985 e www.voearul.com.br), **GOL** (0300-1152121 e www.voegol.com.br) e **TAM** (0800-5705700 e www.tam.com.br) comercializam o trecho aéreo entre as principais capitais brasileiras e os aeroportos internacionais Gilberto Freyre (Recife/Guararapes – PE) e Presidente Castro Pinto (Baixeu/João Pessoa – PB), pontos de entrada e saída do roteiro.

OPERADORAS

Lançado no Salão do Turismo 2010, o programa foi criado pela operadora **Brasil Rural**, de São Paulo, em parceria com a **Mais Brasil Turismo**, de João Pessoa. A primeira concentra a comercialização e a segunda cuida do receptivo e traslados pelo interior do estado.

→ www.brasilrural.tur.br e (11) 8279-8877;

→ www.maisbrasiltur.com.br e (83) 3224-3050.

O QUE LEVAR

Mochila pequena, tênis antiderrapante ou bota para caminhada, boné, protetor solar, roupa de banho, óculos solares, agasalhos e medicamentos de uso pessoal.

HOSPEDAGEM

O roteiro foi formatado com três paradas, definidas de acordo com o itinerário. São hospedagens charmosas, confortáveis e com anfitriões com muitas histórias para contar.

→ Casa de Campo – Engenho de Lazer:

A imensa fazenda fica bem na divisa dos estados de Pernambuco e Paraíba, entre as cidades de Itambé (PE) e Juripiranga (PB). A hospedagem acontece em charmosos chalezinhos ou em apartamentos na antiga

casa-grande, todos com TV, ar condicionado, frigobar e varanda com rede. Os quartos têm capacidade para até oito pessoas. www.casadecampotur.com.br e (81) 3476-1385.

→ **Hotel Fazenda Pai Mateus:** Localizado em Cabaceiras, dentro de uma Área de Preservação Ambiental em meio ao Cariri paraibano, o hotel fazenda foi planejado para ser um oásis de sossego entre paisagens deslumbrantes. Cumpre à risca essa premissa e oferece acomodações com ar condicionado, ventilador de teto, frigobar, camas king size e wireless. Os quartos não têm TV, mas há um aparelho de uso comum. www.paimateus.com.br e (83) 3356-1250.

→ **Hotel Village:** Em Campina Grande, o quatro estrelas é bem mais urbano que os outros meios de hospedagem. Os apartamentos são equipados com ar condicionado, frigobar, cofre, TV e wireless. Na área de lazer, o hotel oferece piscinas, salas de jogos e de ginástica, quadra poliesportiva e SPA. Fica bem próximo dos acessos rodoviários para o litoral, sertão e brejo. www.hoteisvillage.com.br e (83) 3310-8000.



Comida típica servida no Pai Mateus